

TUIUTI – 140 ANOS

Nilson Vieira Ferreira de Mello (*)

I. Introdução.

O século XIX foi, no Brasil, um tempo de profundas e importantes modificações. Nele ocorreram fatos históricos de larga repercussão, iniciados com a transferência da Coroa portuguesa para o Rio de Janeiro, seguidos da declaração da independência e culminando com a abolição do regime servil e a proclamação da república. Nesse período de afirmação da nacionalidade, ocorreram turbulências e lutas pela consolidação da soberania e pela manutenção da unidade nacional. Desordens e movimentos rebeldes, alguns de índole republicana, outros claramente separatistas, bem como campanhas externas exigiram ações militares importantes.

No extremo sul do país ocorreu a Revolução Farroupilha, o mais grave desses movimentos de rebeldia, ao mesmo tempo separatista e republicano, que exigiu esforços continuados por cerca de dez anos para ser debelado. Foi justamente neste extremo meridional, onde mais agudas eram as questões herdadas pelo Brasil do secular antagonismo das potências ibéricas, que iríamos enfrentar os mais sérios desafios.

*** O autor é Cel Cav e EM e Sócio-Titular do IGHMB.**

Neste vasto território, basicamente plano e desprovido de florestas, pastavam manadas de gado bravo, fugidas das antigas reduções jesuíticas. Escassamente povoado, os bandeirantes chamavam-no de *Vacaria do Mar* e por ele transitavam livremente, pois a linha divisória entre as possessões espanhola e portuguesa ora passava por Santa Catarina, como estabelecia o Tratado de Tordesilhas, ora pelo Rio da Prata, onde o expansionismo lusitano plantara a Colônia do Sacramento. Em Portugal, escasseavam os homens válidos para colonizá-lo, espalhados que estavam pelo mundo pela epopéia das grandes navegações e descobertas. O governo de Lisboa teve então de buscá-los nos Açores, de onde vieram numerosas famílias que, para lá se fixarem, tiveram de disputar aos castelhanos, de armas na mão, a posse do seu pedaço de terra.

Esses choques tornavam-se graves toda vez que os nossos interesses nacionais no Prata colidiam com os dos nossos vizinhos. Disto resultou uma série de envolvimento do Império nas questões regionais que culminaram com a Guerra do Paraguai. É, justamente, um episódio capital desse longo e sangrento conflito, a **Batalha de Tuiti**, que hoje lembramos, pois decorridos 140 anos ainda ressoam, na alma dos verdadeiros patriotas, os ecos desse

épico acontecimento.

Permitam-me os senhores que, para bem situar a batalha de Tuiuti no quadro geral da guerra do Paraguai, eu abuse um pouco da sua paciência tentando esboçar a situação no Prata que resultou na *Guerra Grande*, como alguns a denominam no país vizinho.

2. Antecedentes.

O Partido Conservador, após décadas no poder, era substituído, em 1862, pelo Partido Liberal. Nesse mesmo ano, assumia o governo do Paraguai Francisco Solano Lopez, terceiro de uma série de ditadores que, da posição de absoluto isolacionismo de Francia, evoluíra para uma atitude de fortalecimento militar, que permitisse ao governo de Assunção papel mais ativo nos negócios regionais.

O Uruguai, que fora anexado aos domínios luso-brasileiros por D. João, tornara-se independente após três anos de guerra entre o Brasil e as Províncias Unidas do Rio da Prata (Campanha Cisplatina, 1825/28). Com a independência, garantida por ambos os beligerantes, sua vida política organizou-se em torno de dois partidos, o Colorado que defendia a liberdade de comércio e a livre navegação dos rios, e o Blanco, nacionalista e menos aberto à convivência internacional. O Partido Colorado, cujas teses coincidiam com as defendidas pela política exterior do Império, pois o acesso a Mato Grosso dependia da navegação fluvial, era

bem-visto pelo governo brasileiro. Já os blancos, representantes dos grandes proprietários rurais, que tinham afinidades com os criadores de gado da outra margem do Rio da Prata, concorriam com os estancieiros brasileiros, estabelecidos na Banda Oriental.

Na Argentina, depois de longos anos de caudilhismo e guerras civis, a sociedade mercantil de Buenos Aires buscava impor-se às províncias para realizar o seu projeto de um Estado unitário. As oligarquias do interior, opondo-se a esse projeto, defendiam a federação, pois nela viam uma forma de manter a dominação política local e a exploração econômica de suas províncias, sem que sobre esta incidissem impostos nacionais. Saliente-se que as exportações dessas províncias escapavam ao controle de Buenos Aires, pois utilizavam portos do Uruguai, governado pelo presidente Bernardo Berro, do Partido Blanco. Também para o Paraguai Montevideu era a saída para o seu comércio exterior, o que favorecia a aproximação, não apenas de Lopez com os federalistas argentinos, mas também com Berro e seus correligionários do Partido Blanco. O presidente uruguaio enfrentava uma guerra civil, liderada por Venâncio Flores, do Partido Colorado. Este, por sua vez, contava com o apoio do presidente argentino Mitre e dos estancieiros brasileiros radicados no território oriental, cujos interesses tinham sido prejudicados pelo governo blanco.

No Brasil, o gabinete liberal, instaurado em 1.862, chegava ao poder fragilizado no seu prestígio internacional pela Questão Christie. Esse incidente, de menor importância, iria tomar feições graves graças à ação imprudente do senhor William Dougal Christie, representante do governo inglês junto ao Estado brasileiro. Arrogante e rixento, não perdia oportunidade de formular solicitações descabidas ao marquês de Abrantes, que acumulava as pastas da Fazenda e do Exterior. Interpretando a paciência do governo em ouvi-lo como tibieza, foi se tornando cada vez mais insolente. Para dar uma demonstração do seu poder, aproveitou uma sucessão de ocorrências corriqueiras para deixar claro que representava, nestas plagas tropicais, a nação mais poderosa do mundo, aquela que, no auge da expansão do *British Empire*, fazia “diplomacia” com os canhões das suas belonaves. A primeira ocorrência foi o naufrágio, em 1.861, de um navio mercante de bandeira inglesa numa faixa deserta do litoral do Rio Grande do Sul. Logo chegaram à capital do Império notícias de que a carga que se espalhara pela praia fora saqueada. Christie transformou esse fato numa questão de estado, exigindo compensação para o armador, indenização para os parentes dos marinheiros falecidos e punição para os funcionários brasileiros que se ocuparam do caso.

Enquanto exercia a sua impertinência no que qualificava de defesa dos interesses ingleses, logo

encontrou outro motivo para exibir sua truculência. Em julho de 1.862, a polícia carioca prendeu três membros da tripulação de um navio britânico que, na Tijuca, chutavam escravos e importunavam mulheres. Um deles era um capelão naval beberrão e de maus costumes. Levados à delegacia e identificados, foram imediatamente postos em liberdade. Esse simples caso de polícia, que se resolveria com um protocolar pedido de desculpas, foi classificado por Christie como “um ultraje à Inglaterra”. Para reparar a ofensa, exigiu do governo brasileiro a demissão da autoridade que ordenara a prisão, um pedido público de desculpas e uma censura escrita ao chefe de polícia da Corte.

D. Pedro II, pacifista por índole e por convicção filosófica, não queria transformar um mero caso policial em questão de estado, mas cioso no resguardo da honra nacional, decidiu que o Brasil “não podia anuir com decoro”, e mandou que as exigências fossem rejeitadas. O desdobramento dessa questão chegou ao extremo do rompimento das relações diplomáticas entre os dois países, somente reatadas com o pedido formal de desculpas do Governo inglês, entregue, por enviado especial, a Pedro II quando o monarca assistia, em Uruguaiana, a rendição das forças paraguaias. Note-se que *revisionistas* da História militar brasileira têm afirmado que a Guerra do Paraguai resultou de interesses ingleses, que utilizaram o Brasil como instrumento para destruir as

“prósperas” ditaduras dos Lopez. Na verdade, os impérios brasileiro e britânico passavam por uma fase de dificuldades em seu relacionamento, não podendo, pois, o primeiro ter sido instrumento do segundo em tais circunstâncias. Aliás, sobre o tema *revisionismo*, o nosso confrade, Gen Jonas, publicou interessante e equilibrado artigo na *Revista do Exército Brasileiro* (3º quadrimestre de 2005) e o livro *Maldita Guerra*, de Francisco Doratioto, desmonta, com sólidos argumentos, as teses *revisionistas* que têm sido ultimamente divulgadas sobre a Guerra do Paraguai.

Após esta longa digressão, voltemos ao Uruguai e às circunstâncias que iriam determinar a eclosão do maior conflito registrado na América Meridional. Os brasileiros lá radicados acusavam o governo do presidente Berro de lhes ser hostil, ignorando ou mesmo incentivando ações criminosas contra suas pessoas e propriedades rurais. Insistiam com o governo brasileiro para dar-lhes proteção, chegando a insinuar que, se não pudessem contar com essa proteção, melhor seria apelar para a solução separatista, tal como ocorrera com a República Rio-grandense que, de 1836 a 1844, declarara-se independente do Império. Para evitar o renascimento dos pruridos separatistas na sua província mais meridional, o governo brasileiro enviou ao Prata, em maio de 1864, o conselheiro Saraiva, apoiado por uma esquadra comandada por Tamandaré. O governo paraguaio expediu comunicação declarando solidariedade

ao Uruguai nas suas questões com o Brasil, porém nem o nosso país nem a Argentina acreditavam que Lopez fosse além de declarações retóricas sobre as questões do Prata. Continuaram, pois, suas políticas de apoio à rebelião de Flores, inclusive com o emprego da esquadra de Tamandaré no Rio Uruguai, enquanto a diplomacia do governo blanco, por seu lado, aproximava-se de Assunção. Em agosto de 1864, o governo brasileiro ameaçou intervir militarmente no Uruguai, caso suas reivindicações não fossem integralmente satisfeitas. Em outubro, tropas imperiais, concentradas na fronteira, iniciaram seu deslocamento para o sul. Lopez considerou essa intervenção um ato hostil ao equilíbrio de forças regional e, sem prévia declaração de guerra, mandou aprisionar o vapor mercante brasileiro *Marquês de Olinda*, que conduzia a bordo o novo presidente de Mato Grosso. Era a *maldita guerra*, na expressão de Cotegipe e utilizada por Doratioto para título do seu livro acima mencionado.

3. A guerra.

Em dezembro, forças paraguaias, fortes de 7.700 homens, invadiram Mato Grosso, cuja guarnição era de apenas 875 soldados do exército e cerca de 3.000 guardas nacionais, espalhados pelo imenso território da província.

O plano do ditador paraguaio era, coberto ao norte pela ocupação de Mato Grosso, avançar sobre o Rio Grande do Sul em direção ao Uruguai,

onde suas forças derrotariam as tropas brasileiras que lá se encontravam, cujo efetivo era de menos de 10.000 homens. Seria, na suposição de Lopez, colocar o Império de joelhos, podendo dele extrair quaisquer concessões, negociadas de uma posição vantajosa. Sob o pretexto de estar defendendo a independência uruguaia, contava com o apoio do governo blanco e dos federalistas argentinos. Porém, em fevereiro de 1865, o novo presidente uruguaio, também do Partido Blanco, Tomás Villalba, pressionado pelos comerciantes prejudicados pelo bloqueio de Montevideú pela esquadra de Tamandaré, assinou acordo de paz com o enviado brasileiro ao Prata, José Maria da Silva Paranhos, o futuro Visconde do Rio Branco.

Apesar dessas novas circunstâncias, Lopez não alterou seu plano original. Como o governo argentino negara autorização para o exército paraguaio transitar pelo território da República, para atacar os brasileiros no Uruguai, mandou invadir a província de Corrientes, em abril de 1865, por 22.000 soldados, sob o comando do Gen Robles. Julgava que suas forças seriam recebidas como libertadoras pelos correntinos, comprometidos com a federação, e até mesmo as ajudariam a depor Mitre, presidente do governo unitarista de Buenos Aires. Em junho do mesmo ano, 12.000 paraguaios, comandados pelo Cel Estigarribia, marcharam para o sul pela margem brasileira do Rio Uruguai, para unir-se às tropas de Robles, numa operação que Lopez

pretendia fosse rápida em face da superioridade numérica das colunas invasoras e do despreparo dos invadidos. Com efeito, o Brasil, sempre despreocupado da defesa nacional, tinha apenas 8.000 homens como força de reserva, disseminados por todo o seu imenso território.

Não foi, porém, o que aconteceu. Poucos correntinos confraternizaram com os paraguaios e até mesmo Urquiza recuou do apoio a Lopez, temeroso de que a comércio de Entre Rios ficasse paralisado pelo bloqueio imposto ao Uruguai pelo Almirante Tamandaré.

Em decorrência da violação do seu território, a Argentina tornou-se receptiva a uma aliança militar com o Brasil, assim como o presidente Flores, que assumira o poder no Uruguai. O novo enviado do governo brasileiro ao Prata, Francisco Otaviano, cujas instruções visavam a colaborar para o fortalecimento de Flores e conseguir que o governo argentino não dificultasse as operações do Império contra Lopez, surpreendeu-se com o clima favorável que encontrou. Assim, em 1º de maio de 1865 assinou em Buenos Aires, com os representantes da Argentina e do Uruguai, o Tratado da Tríplice Aliança. Esse tratado, que formalizava a aliança militar contra o Paraguai, afirmava que a guerra seria contra Lopez e não contra o povo paraguaio, a paz não seria tratada isoladamente e a guerra só terminaria com o afastamento do ditador.

O fracasso do plano de Lopez

ocorreu, não só pela rendição dos blancos de Montevideu e pela assinatura do Tratado da Tríplice Aliança, mas também pela deplorável conduta dos comandantes das colunas invasoras de Corrientes e do Rio Grande do Sul. Estigarríbia desobedeceu às instruções de não se deter nas cidades gaúchas na marcha para o Uruguai. Ao contrário, entrou em Uruguaiana e lá se deixou ficar, deslumbrado com os produtos do comércio local, que saqueou, até ser cercado e obrigado a render-se aos aliados, com a presença do imperador Pedro II. Em Corrientes, Robles também desobedeceu às instruções recebidas de seguir diretamente para o Uruguai e imobilizou-se, provavelmente aterrorizado por ter de enfrentar o lendário Urquiza no seu caminho para o sul, e passou os dias embebedando-se. Foi destituído do comando e fuzilado em julho de 1865.

As campanhas do Uruguai e de Corrientes redundaram em sério desastre para o Paraguai. Em Mato-Grosso, porém, os invasores não podiam ser eficazmente atacados. A coluna enviada de São Paulo para socorrer a província, que chegou mesmo a invadir o território paraguaio, em meados de 1865, foi afinal rechaçada diante de um inimigo superior em efetivos e em suprimentos. Em junho de 1867, dos 2.080 homens que partiram de São Paulo, restavam apenas 700, estropiados pela fome e por doenças. Essa épica operação ficou registrada no livro *A Retirada da Laguna*, do Visconde de Taunay,

que dela participou.

No final de 1865, a ofensiva paraguaia extinguiu-se. Daí por diante, aos aliados caberia a ofensiva, tarefa difícil tendo em vista o teatro de operações. Urgia organizar, treinar e levar um grande exército, inicialmente até a fronteira com o Paraguai, depois através do território desse país, do qual não havia cartas ou simples roteiros que servissem de base à montagem de uma operação ofensiva. Ao Brasil, por ser o país mais populoso e de maiores recursos materiais e financeiros, e principalmente por ser o único a possuir uma marinha de guerra, cabia a maior responsabilidade, embora não tivesse o comando-chefe das operações. Pelo Tratado da Tríplice Aliança, esta responsabilidade cabia ao Gen Mitre, presidente da Argentina, que nunca foi aceito plenamente pelos chefes militares brasileiros, que desconfiavam da sua lealdade. Essa situação tomava-se mais grave porque faltava unidade de comando às forças brasileiras. As forças terrestres compunham-se de dois corpos de exército, comandados por Osório e pelo marquês de Porto Alegre, enquanto as forças navais eram comandadas por Tamandaré. Esses três chefes militares nem sempre concordavam com Mitre. Essa situação retardou a invasão do território paraguaio e, mais tarde, o rompimento do sistema defensivo de Humaitá.

4. A invasão

Em 16 de abril de 1866, as forças aliadas, com um efetivo de 6.500 homens, invadiram o Paraguai. As

primeiras tropas a pisar o solo do inimigo estavam sob o comando de Osório. Antes, porém, de embarcar em navios da esquadra, o general brasileiro lançou proclamação aos seus soldados, na qual dizia: “*É fácil a missão de comandar homens livres, basta mostrar-lhes o caminho do dever*”. E acrescentava: *Não tenho necessidade de recordar-vos de que o inimigo vencido e o Paraguai desarmado ou pacífico devem ser sagrados para um exército composto de homens de honra e coração*”.

Com sua pequena escolta de 12 cavalarianos, Osório iniciou imediatamente o reconhecimento do terreno, totalmente desconhecido dos aliados: nenhum mapa, nem mesmo simples croqui, indicava a direção dos rios, a disposição dos banhados, a natureza da vegetação e a existência de estradas e veredas. Foi nessa ocasião que Osório passou nove horas a cavalo, sob chuva inclemente. Quando à noite quis descalçar as botas, não o conseguiu: suas pernas inchadas obrigaram seu bagageiro a cortar o couro molhado para descalçá-lo. Sobreveio-lhe uma inflamação crônica das pernas (flebite?) que iria impedir-lhe de calçar botas para sempre. Eis porque ele figura *de calças* na estátua equestre da Praça XV de Novembro. Bernardelli, autor daquela bela escultura, a havia inicialmente esboçado com Osório de botas - e até de charuto, do qual realmente não se separava - e só a corrigiu depois de informado do problema de saúde

do velho cavalariano.

Na medida em que os aliados prosseguiram na marcha de aproximação do inimigo, sucediam-se os contatos e pequenos combates. Porém, nas imediações do *Estero Bellaco*, os paraguaios irromperam em força de suas posições, a dois de maio, e atacaram vigorosamente os aliados. Mais uma vez Osório, apoiado pela 6ª Divisão de Infantaria do Gen Vitorino, rechaçou o inimigo que perdeu 3.000 homens. Após esse combate, no qual Osório foi levemente ferido, os aliados pararam durante 18 dias para reajustar o dispositivo. É de salientar que, no seu conjunto, a travessia, a conquista da cabeça-de-ponte e os combates para sua consolidação constituíram importante operação anfíbia, somente superada, no hemisfério meridional, pela Guerra das Malvinas.

Solano Lopez, depois de haver abandonado a margem paraguaia do Rio Paraná, vai finalmente instalar-se ao norte do *Estero Rojas*, coberto por esse obstáculo. Por seu turno, as forças aliadas, sob o comando-em-chefe de Mitre, vão acampar num pequeno terreno, com cerca de 4km de comprimento por 2,5 de largura, cercado de pântanos e de matas onde o inimigo podia se esconder. Embora exíguo, era o único seco capaz de permitir, precariamente, o acampamento de grandes efetivos. Essa instalação, simples acampamento e não uma posição organizada, distava um quilômetro do *Estero Rojas*, onde os paraguaios se entrincheiraram

5. A batalha.

A 24 de maio de 1866, os paraguaios, com 24.000 homens, conhecendo perfeitamente o terreno e dele tirando proveito, lançaram-se contra essa sumária posição dos exércitos aliados em Tuiuti, cujos efetivos somavam 32.000 combatentes, sendo 21.000 brasileiros, 9.700 argentinos e 1.300 uruguaios. A existência de obstáculos no campo de batalha levou Lopez a montar a manobra com três agrupamentos de forças, comandados por Diaz, Resquin e Barrios. O esforço principal seria no flanco esquerdo do dispositivo aliado, onde Barrios, com 6.000 homens, a maioria de cavalaria, deveria chocar-se com o centro da defesa e desbordá-lo pela esquerda, enquanto Diaz, com 5.000 soldados, atacaria a vanguarda do dispositivo defensivo e Resquin, com 9.000 homens, sendo muitos de cavalaria, desbordaria por leste. As duas colunas desbordantes fariam, portanto, um movimento de pinça para destruir as forças aliadas no interior do seu dispositivo. O ataque deveria ser lançado ao alvorecer e sem qualquer preparação, mas deficiências de coordenação e atraso no deslocamento de Barrios retardaram o início da ação, que somente ocorreu por volta do meio-dia. Não obstante, os paraguaios conseguiram manter a surpresa (basta lembrar que Osório almoçava, a bordo, com Tamandaré quando começou a batalha).

Lopez conservou 18.000 homens em reserva estratégica, a despeito de sua força de ataque não

ter um valor adequado para este tipo de operação (24.000 paraguaios contra 32.000 aliados). Contudo, deixou-a inativa, ou porque desconhecesse seu emprego, ou porque quisesse garantir o acolhimento das colunas atacantes, em caso de insucesso e perseguição. Se a tivesse empregado no momento oportuno, talvez pudesse ter mudado o resultado da refrega, quiçá da guerra, pois suas tropas dispunham de perfeito conhecimento do terreno, estavam próximas de suas bases de suprimento e levavam a vantagem da surpresa. Sua cavalaria (8.500 homens, bem montados), era muito mais numerosa do que a dos exércitos da Aliança (a cavalaria brasileira estava praticamente a pé, desgastada pelas longas marchas), mas havia superioridade da artilharia brasileira sobre a guarani, embora estivesse também desfalcada de meios de movimento (juntas de bois de tração e cavalos de montaria). Essas graves deficiências em mobilidade, não apenas impediu o aproveitamento do êxito e a perseguição após a batalha, como determinou uma longa parada nas operações, permanecendo os exércitos aliados imobilizados em Tuiti, região insalubre, por quase dois anos.

Esse sangrento confronto, que alguns chamam de a *Batalha das Nações*, é notável sob muitos aspectos. Considerando-se apenas o lado aliado, ressalta o fato de seu exército ser plurinacional, ter um grande efetivo e haver a batalha ocorrido após transposição de importante obstáculo fluvial (em

operação conjunta com a Marinha brasileira) para a conquista de cabeça-de-ponte, cuja consolidação exigiu seguidos combates. Finalmente, somam-se aos aspectos citados a vasta gama de materiais e armamentos utilizados, modernos para a época (fuzis, canhões raiados, foguetes, etc), todos justificando, amplamente, a qualificação da Batalha de Tuiuti como um evento militar de grandes proporções.

Todavia, são seus aspectos humanos que conferem a esse confronto bélico uma grandeza especial. Nela morreram, por suas respectivas pátrias, após cinco horas de renhidos combates, 6.000 paraguaios e 996 aliados, dos quais 133 uruguaios, 126 argentinos e 737 brasileiros, além de milhares de feridos e mutilados de ambos os lados. Nela ocorreram - também de ambos os lados - atos de audácia, bravura e coragem como os mais brilhantes registrados pela História em todos os tempos. E nela cobriram-se de glórias chefes militares brasileiros que, nas frentes de combate ou na piedosa tarefa de minorar o sofrimento dos feridos, se esqueceram de si mesmos para verem apenas a honra da Pátria ou a salvação dos companheiros caídos.

6. Os Patronos.

Entre tantos bravos e eficientes oficiais do Império, cujos nomes deveriam constar de lista a ser perpetuada em Panteão da Pátria, Manuel Luís Osório, Antônio de Sampaio, Emílio Luís Mallet e João Severiano da Fonseca destacaram-se

de tal forma que o Exército os escolheu para patronos, respectivamente, da Cavalaria, da Infantaria, da Artilharia e do Serviço de Saúde.

Em 24 de maio, a vitória deveu-se, em larga escala, a Osório. Empunhando a célebre lança que herdara do bravo Bento Manuel após o combate de Sarandi (Campanha Cisplatina-1825/28), galopou para todos os lados para organizar a defesa e estimular a resistência. Dionísio Cerqueira, na sua magnífica obra *Reminiscencias da Campanha do Paraguai*, recorda-o em Tuiti montado “em seu belo cavalo de combate, com o largo chapéu de feltro negro, o poncho flutuando deixando ver a gola bordada, a lança de ébano incrustada de prata na mão larga e robusta, o olhar fascinante.” Richard Burton, escritor, diplomata e aventureiro inglês, autor do livro *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*, diz que Osório era “o único general universalmente respeitado e amado, tanto pelos argentinos como pelos brasileiros”. E acrescenta: “É valente até a temeridade. Cavalos e mais cavalos por ele montados têm sido atingidos, mas os soldados dizem que ele tem o corpo fechado e que, depois das batalhas, sacode o poncho para as balas caírem”. Na realidade, partiu dele toda iniciativa que se esperava de um comandante-em-chefe, embora esta função estivesse nas mãos de Mitre.

Sampaio, nascido na província do Ceará, terra de homens tenazes e resistentes, participou da contenção

de quase todos os movimentos insurrecionais ocorridos no século XIX. Participou, com destaque, da Campanha do Uruguai e, após a rendição de Montevidéu, permaneceu no território uruguaio onde foi alçado ao generalato, em reconhecimento dos excelentes serviços prestados em operações de guerra. No comando de uma divisão de infantaria, seguiu para a Campanha do Paraguai e com ela participou, integrando o Corpo de Exército de Osório, da passagem do Paraná e de todos os combates para conquistar e consolidar a cabeça-de-ponte aliada no território inimigo. No dia 24 de maio, o do seu 56º aniversário, foi três vezes ferido, à frente da sua gloriosa *Divisão Encouraçada*, assim chamada devido ao denodo com que resistia, sem arredar pé, aos mais violentos assaltos, como se protegida por couraça invisível. A um primeiro ferimento, seguiu-se um segundo, na face, justamente quando Osório mandou-lhe uma mensagem de encorajamento por um dos seus ajudantes-de-ordem. Sampaio, com o costumeiro estoicismo, disse ao mensageiro do Comando: - "*Olha, senhor alferes, diga ao Marechal Osório que estou cumprindo o meu dever, mas como já perdi muito sangue, seria conveniente que me mandasse substituir*". Logo em seguida, o bravo cabo-de-guerra é ferido pela terceira vez, ainda na presença do emissário de Osório, a quem diz, antes de desfalecer: - "*Diga ao Marechal que este é o terceiro*

ferimento". Evacuado para bordo de um transporte de guerra, faleceu a 6 de julho, portanto 43 dias depois de ferido. Como homenagem ao herói de Tuiuti, o governo brasileiro deu a denominação de Regimento Sampaio ao 1º Regimento de Infantaria, cujo estandarte ostenta, encimando o leão heráldico, três estrelas, que simbolizam as três chagas de Sampaio. Também a Medalha de Sangue do Brasil, instituída durante a Segunda Guerra Mundial, contém essa mesma simbologia das três estrelas, lembrando aquele que, no campo da honra, soube vertê-lo até a derradeira gota. Para perpetuar o sacrifício de Sampaio e de seus bravos infantes, o 24 de maio, por coincidência também dia do seu nascimento, foi escolhido como o *Dia da Infantaria* brasileira.

Emilio Luís Mallet nasceu na cidade de Dunquerque, na França, de uma família anglo-normanda à qual pertencia um general republicano, Claude François Mallet. Durante a campanha de Napoleão na Rússia, em 1812, chegou a Paris a notícia da desastrosa retirada da *Grande Armée*, seguida de boatos de que Napoleão havia morrido. O velho general republicano liderou, então, uma audaciosa ação para tomar o poder. Preso, sumariamente julgado e fuzilado, sua família, para fugir das perseguições, buscou asilo na Bélgica, de onde um dos seus ramos, constituído pelo casal Jean Antoine Mallet e Julie-Marie-Joseph Denys de Montfort e seus filhos, acabaria vindo para o Brasil.

Entre os filhos desse casal estava Emílio Luís Mallet, último de uma prole de cinco. O caçula fez o curso de Humanidades ainda na Bélgica, em Bruges, pitoresca cidade medieval, tendo se revelado aluno brilhante. Aos 16 anos, matriculou-se na Escola Militar francesa de Saint-Cyr, onde concluiu o 1º ano de Matemática. Não pode, porém, concluir o curso em virtude da vinda da sua família para o Brasil, aonde chegou com 17 anos de idade. Ao desembarcar no Rio de Janeiro, em novembro do ano da Independência, foi convidado pelo Imperador para ingressar no exército nacional que se organizava. No ano seguinte, matriculou-se na Academia Militar do Império, onde fez o curso integral de artilharia e de engenheiro militar. Daí em diante, participou das lutas pela afirmação da independência, da Campanha do Uruguai e da Guerra da Triplice Aliança. Em Tuiuti, como tenente-coronel comandante do 1º Regimento de Artilharia a Cavalos, que integrava a vanguarda do dispositivo aliado, foi um dos alicerces da vitória. Calmo e previdente mandou cavar largo e profundo fosso diante de seus canhões, protegendo-os das repetidas cargas de cavalaria do inimigo. Durante a noite de 23 para 24, o seu regimento permaneceu em vigília, e quando, no dia da batalha, os paraguaios atacaram, respondeu com fogo preciso e rápido às investidas do inimigo, sendo chamado, por isto mesmo, de *artilharia-revólver*. O escritor argentino Manuel Galvez, autor do livro *Jornadas de Agonia*, descrevendo

comemoração da vitória em Tuiuti, assim se expressa: - *Ali estava o velho Mallet, gigantesco, rígido não obstante os grandes anos, sobre o cavalo escuro, com seu inseparável cigarro de palha. Venerado por todo o Exército, quarenta anos atrás pelejara contra os argentinos, como tenente, na batalha de Ituzaingo*". Testemunha presente no campo de batalha de Tuiuti, disse Cunha Matos ter sido a artilharia de Mallet "*o primeiro fator do triunfo*", e Tasso Fragoso, em sua obra *História da Guerra entre a Triplice Aliança e o Paraguai*, comenta o desempenho da artilharia de Mallet com a seguinte figura de retórica: - "*... representa papel idêntico ao de um rochedo na linha da costa, contra o qual vão quebrar-se impotentes as vagas de um mar revolto.*" Com o velho artilheiro estavam, no Paraguai, seus três filhos homens, um dos quais, João Nepomuceno de Medeiros Mallet viria a ser, mais tarde, destacado Ministro da Guerra que reorganizou e reformou o ensino no Exército. Por seus méritos, Mallet foi agraciado com o título nobiliárquico de *Barão de Itapevy* e escolhido Patrono da Artilharia brasileira.

João Severiano da Fonseca pertencia a uma notável família de militares. Seus pais, o tenente-coronel Manuel Mendes da Fonseca e dona Rosa Maria Paulina da Fonseca, tiveram dez filhos, dos quais oito homens, todos militares. Dona Rosa da Fonseca, por suas virtudes de caráter e sua fortaleza de ânimo,

entrou para a História como a mãe espartana que estimulava os filhos a oferecerem seu quinhão de sacrifício na guerra do Paraguai, onde todos serviram, com exceção de um único, por questões de saúde. Todos se distinguiram na cruenta campanha, sendo que três deram a vida pela Pátria: dois em Curupaiti e o terceiro em Itororó. Os que sobreviveram à guerra, se notabilizaram em suas esferas de atribuições, como o marechal e generalíssimo Manuel Deodoro da Fonseca, proclamador e primeiro presidente da República, e o general Dr João Severiano da Fonseca, médico, militar, escritor, historiador e patrono do Serviço de Saúde do Exército. Apesar do ambiente castrense que reinava na casa de sua família, o jovem Severiano cedo sentiu inclinação para as ciências ligadas ao ser humano, robustecida essa vocação pelas epidemias que, freqüentemente, ceifavam muitas vidas no Rio de Janeiro. Matriculou-se na Faculdade de Medicina da Corte, recebendo o grau de doutor em 1860. De sua turma fazia parte Olavo Bilac, mais tarde alçado à distinção de Patrono do Serviço Militar. Embora, como médico, pudesse satisfazer seu desejo de ajudar o próximo, sentia simultaneamente a atração pela vida militar, na qual ingressou em 1862 como 2º Cirurgião. Daí em diante, iria galgar todos os postos de seu Quadro, até o último de General-de-Brigada, prestando destacados serviços humanitários, grande parte dos quais em ambiente

de guerra. Assim, participou da Campanha do Uruguai e de toda a Guerra do Paraguai. Por isto mesmo, foi agraciado com a Medalha Geral da Campanha do Paraguai, cunhada com o bronze dos canhões tomados ao inimigo, cuja fita ostentava, no passador de prata, cinco estrelas, uma para cada ano passado no teatro de operações. Em Tuiti, servia no 1º Regimento de Artilharia a Cavalos, a unidade de Mallet, que integrava a vanguarda da posição aliada. Com seu costumeiro desvelo, empenhou-se em levar socorro médico a todos que dele carecessem, mesmo com risco de vida. Aqui cabe lembrar a importância do serviço de saúde, segundo abordagem pragmática e fria dos que contabilizam os recursos necessários para as operações. Na I Guerra Mundial, somente a França perdeu 2.000 médicos militares por ação do inimigo; por seu turno, o Serviço de Saúde francês chegou a recuperar 100.000 combatentes por mês, levando Clemenceau a afirmar: “Ganhamos a guerra com os nossos feridos”.

Senhores, aí está porque Tuiuti merece ser chamada, também, de “*A Batalha dos Patronos.*”

Com esse grande confronto entre as forças aliadas e as paraguaias, terminou o que poderíamos chamar de primeira fase da guerra, cujo prosseguimento e conclusão ainda iriam exigir, durante mais de três anos, inauditos sofrimentos e severos esforços de todas as partes envolvidas.